https://doi.org/10.30681/traos.v10i1.14789

Percepções da juventude trabalhadora brasileira sobre a escala 6x1

Perceptions des jeunes travailleurs brésiliens concernant l'horaire de travail 6x1

Jullya Mariny de Oliveira Silva1
Universidade do Estado de Mato Grosso

Miguel Rodrigues Netto2
Universidade do Estado de Mato Grosso

Como citar este trabalho:
SILVA, J. M. de O.; NETTO, M. R. Percepções da juventude trabalhadora brasileira sobre a escala 6x1. **Traços de Linguagem,** v. 10, n. 1, 76-90, 2026.

RESUMO: Este artigo analisa os sentidos produzidos sobre a jornada de trabalho 6x1 a partir do discurso de jovens trabalhadores brasileiros, considerando as transformações contemporâneas do mundo do trabalho e seus impactos sobre a juventude. A pesquisa possui abordagem qualitativa e fundamenta-se na Análise do Discurso de linha francesa, mobilizando contribuições de Pêcheux (2014), Maingueneau (2008), Amossy (2020) e Charaudeau (2019). O corpus é composto por entrevistas semiestruturadas realizadas com jovens entre 18 e 29 anos que atuam sob o regime 6x1, buscando compreender como esses sujeitos significam suas experiências laborais, o cansaço, a dignidade, o mérito e o futuro. Os resultados evidenciam que a escala 6x1 é discursivamente construída como dispositivo de precarização e desumanização do trabalho, produzindo efeitos diretos sobre o corpo, o tempo de vida e a saúde física e mental dos entrevistados. Observa-se o funcionamento de uma ideologia meritocrática que individualiza o sofrimento e transforma a exploração em virtude, ao mesmo tempo em que emergem contradiscursos de resistência, nos quais os jovens recusam a naturalização da exaustão e reivindicam o direito ao descanso, ao cuidado de si e à vida para além do trabalho. Conclui-se que a juventude trabalhadora opera como sujeito de ruptura, tensionando os sentidos hegemônicos sobre produtividade e revelando que o debate sobre a jornada 6x1 não se reduz a uma questão econômica.
PALAVRAS-CHAVE: Juventude trabalhadora; jornada 6x1; precarização do trabalho; Análise do Discurso

RÉSUMÉ: Cet article analyse les significations attribuées au rythme de travail 6x1 à partir du discours de jeunes travailleurs brésiliens, en tenant compte des transformations contemporaines du monde du travail et de leurs impacts sur la jeunesse. La recherche adopte une approche qualitative et s'appuie sur l'analyse du discours à la française, notamment sur les travaux de Pêcheux (2014), Maingueneau (2008), Amossy (2020) et Charaudeau (2019). Le corpus est constitué d'entretiens semi-directifs menés auprès de jeunes de 18 à 29 ans travaillant selon le rythme 6x1, afin de comprendre comment ils donnent sens à leurs expériences professionnelles, à la fatigue, à la dignité, au mérite et à l'avenir. Les résultats montrent que l'échelle 6x1 est construite discursivement comme un instrument de précarisation et de déshumanisation du travail, ayant des répercussions directes sur le corps, l'espérance de vie et la santé physique et mentale des personnes interrogées. On observe le fonctionnement d'une idéologie méritocratique qui individualise la souffrance et érige l'exploitation en vertu, tandis que des contre-discours de résistance émergent, dans lesquels les jeunes rejettent la banalisation de l'épuisement et revendiquent le droit au repos, aux soins personnels et à une vie en dehors du travail. On peut donc conclure que les jeunes travailleurs agissent comme des agents de rupture, remettant en question les

[1] Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGLetras/UNEMAT), com ingresso em 2025. Especialista em Juventude e Transformações Sociais Contemporâneas e Licenciada em Letras Português e Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2024).

[2] Pós-Doutor em Direitos Humanos, Sociais e Difusos no Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca – CEB/USAL/Espanha. Doutor em Ciências Sociais no Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Mestre em Política Social, Estado e Direitos Sociais na UFMT. Especialista em Gestão da Comunicação Pública e Responsabilidade Social. Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso e Licenciado em Letras Português/Inglês. Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT com atuação no curso de Licenciatura em Letras e no Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras.

notions hégémoniques de productivité et révélant que le débat sur le rythme de travail 6x1 n'est pas simplement une question économique.

MOTS-CLÉS: Jeunes travailleurs; horaire de travail 6x1; travail précaire; analyse du discours

Introdução

O cenário profissional no Brasil tem passado por mudanças significativas entre os jovens, impulsionadas por diversos elementos presentes na sociedade atual. Entre eles, destacam-se as políticas neoliberais implementadas no país, que abriram caminho para uma maior flexibilidade nas leis trabalhistas, o enfraquecimento da CLT e a crescente valorização de condições de trabalho precárias e jornadas exaustivas. Esse quadro se intensificou após a Reforma Trabalhista (Lei nº 13.467/2017), liderada pelo então presidente Michel Temer (MDB), e posteriormente agravado durante o governo de Jair Bolsonaro (PL) com o Decreto 10.854/2021, que, entre outras medidas, facilitou as demissões e incentivou negociações desfavoráveis aos empregados.

Nesse contexto, a ideia de flexibilização trabalhista é apresentada como uma forma de modernizar as relações de trabalho. No entanto, na realidade, essa abordagem tem justificado a precarização e a diminuição de direitos que foram arduamente conquistados ao longo da história. Antunes, (2018, p.135) escreve que "a flexibilização do trabalho no Brasil tem sido, [...] importante instrumento utilizado pelas empresas para burlar a legislação social do trabalho.". E ainda "do ponto de vista de seu impacto nas relações de trabalho, a flexibilização se expressa na diminuição drástica das fronteiras entre atividade laboral e espaço da vida privada" (ANTUNES, 2018, p.159), estabelecendo novas formas de contrato e negociações com o empregador que em sua maioria, não refletem ganhos verdadeiros aos assalariados.

Nesse sentido, ao ser incorporada ao discurso político e empresarial, a flexibilização opera como um eufemismo que suaviza a percepção da sociedade frente às medidas que fragilizam a vida do trabalhador.

Tais medidas, nesse contexto, encontra-se presente a jornada 6x1 (seis dias de trabalho consecutivos e apenas um de descanso), que é prevista em lei, mas que vem sendo amplamente discutida e debatida graças a essa nova juventude operária, que mobilizada pelo influenciador Rick Azevedo e agora vereador do Rio de Janeiro, permitiu que esse debate tomasse grandes proporções com o movimento Vida Além do Trabalho (VAT), propondo uma PEC (Proposta de Emenda à Constituição) elaborada pela Deputada Federal, Érika Hilton (PSOL) que abraçou a causa (contrariando a maioria do Congresso Nacional), com o intuito de acabar com esse modelo que afeta diretamente a qualidade de vida, o tempo para estudo, lazer e convívio social.

Nesse aspecto, a persistência de jornadas exaustivas, como a escala 6x1, evidencia a distância entre o texto constitucional e a realidade social, revelando que a retórica da flexibilização trabalhista se sobrepõe à proteção efetiva dos direitos fundamentais, comprometendo a dignidade humana, a qualidade de vida e o exercício pleno de direitos essenciais já estabelecidos. Observa-se ainda que tal retórica nada mais é que um discurso reducionista que mascara a precarização do trabalho criando a impressão de modernidade e de facilidade, mas que esconde efeitos negativos claros já evidenciados ao longo do texto.

A realidade, entretanto, se impõe com clareza para a juventude brasileira, que vivencia de forma direta e intensa os impactos da jornada 6x1. Muitos jovens abandonam os estudos para manter o emprego; outros, que persistem, enfrentam noites mal dormidas

ao conciliar trabalho e estudo. No caso das jovens mulheres e mães, a situação se agrava: além da rotina exaustiva, há o peso adicional do cuidado com os filhos e com a casa, o que reduz ainda mais suas oportunidades de lazer e formação.

Nesse sentido, este trabalho trata-se de um recorte da monografia apresentada à especialização em Juventude e Transformações Sociais Contemporâneas, cujo objetivo principal é analisar de que forma jovens trabalhadores (18 a 29 anos) percebem e avaliam esse regime de jornada no contexto das transformações do mundo do trabalho.

Metodologia

A pesquisa desenvolvida fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, por compreender que os sentidos atribuídos à escala 6x1 não podem ser reduzidos a números ou dados estatísticos, mas emergem de práticas discursivas, experiências subjetivas e contextos sociais específicos quanto às percepções dos jovens trabalhadores que vivenciam ou vivenciaram esse regime laboral.

Do ponto de vista teórico-metodológico, a investigação apoia-se na Análise do Discurso de linha francesa, especialmente em Michel Pêcheux (2014), Maingueneau (2008), Amossy (2020) e Charaudeau (2019), entendendo o discurso como espaço de produção de sentidos atravessado por ideologia e por formações discursivas. Considera-se, assim, que os discursos sobre a escala 6x1 não são neutros, mas resultam de posições sociais, disputas simbólicas e relações de poder. A AD permite observar como determinados sentidos são naturalizados, legitimados ou contestados tanto pela imprensa quanto pelos jovens.

Com isso, realizou-se uma pesquisa de campo com 10 jovens trabalhadores entre 18 e 29 anos, sendo 5 homens e 5 mulheres, que atuaram ou atuam sob a escala 6x1.

O uso da pesquisa de campo se justifica , pois para Gil (2002):

> Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias. (Gil, 2002, p.53).

Análise da juventude trabalhadora brasileira

A análise das entrevistas realizadas com jovens trabalhadores(as) busca compreender os sentidos produzidos sobre a jornada 6x1 a partir das condições materiais, discursivas, sociais e ideológicas que atravessam suas experiências. Como propõe a Análise do Discurso, não se trata de interpretar as falas como opiniões individuais ou relatos isolados, mas de observar como certos sentidos circulam socialmente, se estabilizam, são dissonantes ou entram em tensão, revelando posições-sujeito inscritas em formações discursivas específicas como revela (PÊCHEUX 2014).

Ou seja, aqui não vamos considerar que os jovens entrevistados falam “por si”, mas sim, a partir de lugares sociais que delimitam o que pode e deve ser dito, tal como ensinam Pêcheux (2014) e Charaudeau (2019) quando aborda o contrato de comunicação e afirma que informar significa sempre operar escolhas, questionando: “em função de que são definidos esses critérios? Dos interesses do mediador? Dos interesses do alvo?” (CHARAUDEAU, 2019, p.37).

Além disso, a análise articula contribuições de Maingueneau (2008) e Amossy (2020), ao considerar as imagens de si (ethos) construídas pelos jovens quando narram suas experiências, bem como o modo como argumentam sobre a escala 6x1 e sobre sua própria vida. Segundo ele, "compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos" (MAINGUENEAU, 2008, p.20).

A partir dessa perspectiva, as entrevistas foram examinadas qualitativamente, em busca de eixos discursivos que estruturam a relação entre juventude e trabalho precarizado. O processo analítico levou à identificação de categorias de sentido que atravessam os enunciados, tais como: A escala 6x1 como dispositivo de captura do tempo-vida; Corrosão da dignidade: corpos meramente substituíveis e desumanizados; "Viável para quem?": disputa ideológica e posições-sujeito sobre a escala; Tensões entre a experiência vivida e o discurso midiático; Desejo de um outro futuro e a resistência contra a escala 6x1 e Culpabilização individual e o discurso do mérito.

Essas categorias não foram definidas previamente, mas construídas ao longo da leitura e releitura das transcrições, seguindo o movimento interpretativo característico da AD.

A seguir, apresento a análise dessas categorias, buscando demonstrar como os sentidos sobre essa escala são produzidos pelos jovens e o que esses sentidos revelam sobre a realidade do mundo do trabalho e sobre a juventude brasileira na contemporaneidade.

Os nomes dos participantes não foram divulgados para a preservação de suas identidades.

Categoria 01) A escala 6x1 como dispositivo de captura do tempo-vida

Os enunciados dos entrevistados constroem a ideia de que a escala 6x1 funciona como um dispositivo que captura o tempo cotidiano, reorganiza a vida em torno do trabalho e esvazia a experiência do sujeito em outras dimensões (estudo, lazer, convivência, saúde e etc). Esse funcionamento discursivo aparece como evidência naturalizada no enunciado do entrevistado 01, que é um jovem de 25 anos, morador de Sinop (MT). Desde os seus 16 anos trabalha no regime de escala 6x1 e atualmente não está trabalhando devido a oportunidade que teve de receber uma bolsa de mestrado. Ele afirma: "Você vive praticamente só para o trabalho" (ET01, 2025).

A repetição, o desgaste e a sensação de desumanização aparecem como núcleo semântico dominante em seus enunciados. Ele continua ao longo da entrevista: "Enfim, é tudo muito limitado, muito cansativo, o empenho não é o mesmo, né? Você tá cansado psicologicamente, fisicamente. Ainda mais se você trabalha com atendimento ao público, como era o meu caso, é bem … é bem desgastante." (ET01, 2025).

Na sequência ele segue:

> É uma escala desumana, sim, né? Não dá para negar o quão desumano é trabalhar num regime cuja escala é 6 por 1. É inevitavelmente desumano, né? Você tem um dia de folga, você gasta todas as energias naquela semana, né, durante seis dias, e quando chega o dia de descanso, você tá exausto. (ET01, 2025).

Aqui temos um efeito de sentido que vincula corpo e mente a uma lógica de trabalho que captura a totalidade da vida. O discurso do jovem é aquilo que Pêcheux (2014) chama de formação discursiva, nas palavras do autor, uma formação discursiva é "aquilo que, numa formação ideológica dada, determina *o que pode e deve ser dito"*

(PÊCHEUX, 2014, p. 147). Nesse caso, vou entendê-lo aqui como um efeito ideológico de evidência, uma vez que parece "natural" estar exausto, como se fosse parte integrante da vida adulta sob o capitalismo. Isso fica mais evidente quando o ET01 diz que esse regime de trabalho é "inevitavelmente desumano", naturalizando o regime laboral.

Essa naturalização é evidenciada também, quando o ET02 (2025) diz:

"Eu não tenho ânimo para nada. Minha vida é só trabalho, comer e dormir, basicamente. É… chego tarde, não consigo dormir. É… acordo tarde, já acordo em cima da hora de trabalhar e o ciclo se repete. [...]". Ele é um jovem de 23 anos, morador da cidade de Itabuna (BA) e trabalha como operador de caixa em uma farmácia de bairro, e com isso, podemos notar o quanto esse desânimo é atravessado da mesma maneira por jovens de locais distintos.

Ao mencionar "não ter ânimo", isso não pode ser lido apenas como um estado psicológico individual, mas como resultado de determinadas condições materiais de produção (Pêcheux, 2014) e de uma organização social do trabalho que captura o sujeito pelo tempo e pelo corpo, como é possível notar.

Outro fator interessante refere-se ao entendimento dos jovens sobre o quanto a escala 6x1 afeta a possibilidade de crescimento pessoal. A ET08 (2025), uma jovem de 24 anos, moradora de Sinop e que trabalha na 6x1 desde os 18 anos, relata isso em seu enunciado:

> O regime 6x1 sempre me atrapalhou em construir algo maior na minha vida. Eu só tenho tempo livre à noite e apenas um dia para viver e descansar. Se eu uso esse dia para estudar ou cumprir algum outro compromisso, acabo ficando muito desgastada, tanto fisicamente quanto psicologicamente. (ET08, 2025)

O advérbio "sempre" produz um efeito de totalidade temporal e permanência, já que refere-se a uma continuidade que atravessa anos e se estabiliza como repetição histórica. Além disso, a expressão "construir algo maior" é significativa porque projeta a ideia de futuro e ascensão, evocando sentidos socialmente legitimados para juventude, que é justamente essa ideia de crescer, estudar, alcançar estabilidade, transformar a própria realidade e etc.

Entretanto, esse projeto aparece negado pela estrutura temporal imposta pela 6x1, pois o regime "atrapalha" a construção do futuro. Aqui, a fala rompe com uma naturalização amplamente presente em discursos neoliberais, segundo os quais "basta esforço individual" para melhorar de vida. Ao contrário disso, o que a jovem formula é que o problema não é disposição, mas tempo disponível, isto é, a base material da possibilidade de mudança. Algo que é compartilhado entre todos os entrevistados. O ET10 (2025), jovem de 25 anos, morador de Itabuna (BA) e repositor em um supermercado, contribui com essa discussão em seu enunciado:

> Esse regime, o regime 6 por 1, hum, acaba com a minha perspectiva de vida, sabe? Eu não consigo me imaginar fazendo nada que demande meu tempo além do trabalho, porque ou o trabalho demanda muito do meu tempo diário, já que eu vou ter que estar das 9h às 20h, pensando no trabalho, ou eu vou estar muito cansado para fazer outra coisa. (ET10, 2025).

Se falta tempo, o futuro deixa de ser um campo aberto de possibilidades para juventude e torna-se um local interditado.

Categoria 02) Corrosão da dignidade: corpos meramente substituíveis e desumanizados

O segundo núcleo discursivo recorrente nas entrevistas revela que a escala 6x1 produz sentidos ligados ao adoecimento físico e psíquico, mas sobretudo produz uma imagem do trabalhador como corpo instrumentalizado, descartável e substituível.

O ET02 (2025) formula de maneira contundente: “Tenho tido acessos de burnout (…) somos só meras peças substituíveis”.

O termo “peças substituíveis” é especialmente relevante porque evidencia uma memória discursiva industrial/fordista do trabalho, uma vez que o corpo é visto como componente da máquina.

Novamente utilizando a concepção de ethos visto em Amossy (2020), podemos interpretar que o sujeito constrói um ethos de denúncia e de vítima coletiva (não “eu sozinho”, mas “nós”). Nesse gesto, ele desloca o sofrimento do campo psicológico para o campo político-discursivo, já que ele aponta que a dor não é uma falha do indivíduo, mas um efeito do sistema.

Além disso, o burnout, enquanto nomeação, funciona como acontecimento discursivo, pois ele introduz no dizer a irrupção de um real que escapa do discurso meritocrático que afirma a todos que “trabalhar muito enobrece”. Segundo Pêcheux (2014), é justamente nesses momentos de ruptura que se revelam as contradições internas da formação discursiva dominante, pois para o autor uma formação discursiva nunca é totalmente coerente, já que é constituída pela contradição, pelo conflito entre diferentes posições ideológicas. E é nos momentos de deslocamento, quando um enunciado rompe com o esperado, que essas contradições tornam-se visíveis.

Nesse sentido, ao nomear o esgotamento físico e mental como um distúrbio (o burnout) o ET02 segue um caminho diferente e não trata a exaustão como algo inevitável e que faz parte do trabalho, mas sim como um transtorno que não deveria existir se houvesse condições mais dignas para os trabalhadores, afinal de contas ele é apenas um jovem de 23 anos.

Ele também enuncia que:

> É, a escala 6x1, ela tira do trabalhador [...], sua dignidade, seu, é, lazer, seu, sua saúde, é, tanto a curto como a longo prazo, tanto a saúde mental quanto a física. Você se deteriora, é, como uma engrenagem sendo... Existe uma palavra que chama "luir", né? Que é uma, é uma engrenagem, um parafuso sendo desgastado. (ET02, 2025.

A dignidade não surge aqui como consequência do adoecimento, uma vez que ela é tratada como um bem diretamente violado pela escala. Nessa perspectiva, o trabalho não aparece como meio de vida, mas como regime que produz desqualificação do humano, pois retira da vida os elementos que a tornam vivível, como o descanso, principalmente ao apontar o trabalhador como um parafuso desgastado.

Além disso, a fala do ET06 (2025) é exemplar para a análise da ideologia (principalmente aquela que normaliza a desumanização no trabalho). Para Pêcheux (2014), ideologia significa aquilo que produz e organiza os sentidos possíveis no interior de uma formação social. Ou seja, é por meio da ideologia que certos discursos se tornam “naturais”, “óbvios”, “inevitáveis”:

> Eu creio que isso é… essa escala é uma escala muito desumana, porque você trabalha seis, cinco dias da semana seguidos, eh, sem uma folga na semana, né? Então, sempre que você precisa resolver alguma coisa, ir num médico, você fica meio que impossibilitado. Ah, mas eles te

> entregam um atestado. Às vezes, o atestado não é abono, não, não, não tem um abono, né? Ele pode abonar algumas horas ali, mas não é, é inteiro. Não, desconta... eh, você tem um desconto na folha, independente de ter o atestado. [...] Exemplo, que eu particularmente passei no meu trabalho, né, de querer ir no dentista, e o cara fala: "Ah, mas tenta marcar num horário fora do seu expediente". Mas, como que a gente faz isso, sendo que o nosso expediente começa às 8 da manhã e se encerra às 17, com 1 hora de almoço, né? 1 hora e meia. Sendo que nos outros trabalhos também é o mesmo expediente, fechando às vezes até mais cedo e com um intervalo de almoço menor. (ET06, 2025).

Nesse caso, o enunciado constrói a escala 6x1 como um dispositivo de desumanização do trabalho, principalmente por seus efeitos sobre o corpo enquanto materialidade do sujeito. Logo na abertura, o entrevistado nomeia a 6x1 como "muito desumana", produzindo uma qualificação ética e moral do regime. Essa palavra funciona como um operador discursivo de denúncia, pois retira a discussão do campo administrativo ("organização de jornada") e reposiciona o debate no campo da dignidade humana, já que o que está em jogo não é apenas tempo, mas a vida de outro ser humano.

Ao justificar esse julgamento, o sujeito introduz um eixo fundamental para a categoria de análise, uma vez que o trabalho passa a ocupar o centro da existência a ponto de impedir o cuidado com o próprio corpo.

Essa formulação é importante para compreender a corrosão da dignidade, assim, o acesso ao médico, ao dentista ou a qualquer cuidado básico aparece como algo que se torna impossível dentro do regime laboral, o que revela que o trabalho opera como instância que regula o corpo do trabalhador, definindo quando ele pode adoecer, quando ele pode tratar-se e, sobretudo, quando ele pode ou não existir fora do expediente.

Trata-se, portanto, de uma dinâmica de desumanização porque elimina a condição fundamental do sujeito que é ser mais do que um corpo a serviço do trabalho.

Um ponto fundamental do recorte é o modo como o entrevistado tensiona a suposta "proteção" do sistema: "Ah, mas eles te entregam um atestado." (ET06, 2025). Aqui, o sujeito traz um "argumento" que circula socialmente como justificativa do regime que é a ideia de que o trabalhador pode recorrer ao atestado e, com isso, estaria amparado. Entretanto, o próprio entrevistado desmonta esse pré-construído, evidenciando o funcionamento ideológico que tenta naturalizar a exploração por meio de uma falsa garantia. Ele afirma: "Às vezes, o atestado não é abono (…) você tem um desconto na folha, independente de ter o atestado." (ET06, 2025).

Essa sequência produz um efeito discursivo de extrema relevância para nossa análise, pois ela revela que o direito (no caso o atestado) aparece como forma vazia ou insuficiente, já que se mantém a punição econômica, com o "desconto na folha".

A partir disso, o que se evidencia é que o adoecimento não é reconhecido como condição humana, mas como algo que rompe com a lógica do capital de produzir a todo custo, logo, passível de penalização.

Nesse sentido, pensando discursivamente a dignidade é corroída porque o sujeito aprende que "adoecer custa caro". Assim, ao invés de produzir proteção, a instituição do atestado produz uma espécie de violência simbólica e material, pois o trabalhador é coagido a escolher entre saúde e salário. O corpo passa a ser, simultaneamente, objeto de exploração, objeto de risco e fonte de prejuízo.

Nesse ponto, o regime 6x1 se aproxima de um funcionamento de desumanização porque institui uma relação em que o sujeito é valioso apenas quando produtivo. Quando ele precisa cuidar do corpo, o sistema devolve o recado "isso é problema seu".

Desse modo, observa-se que a escala 6x1 produz um funcionamento discursivo de desumanização ao submeter o corpo do trabalhador ao tempo produtivo,

impossibilitando cuidados básicos de saúde e transformando o adoecimento em motivo de penalização econômica, tendo a dignidade corroída porque o sujeito só é reconhecido enquanto produtivo, mas quando adoece, torna-se inconveniente, substituível e descartável.

Categoria 03) "Viável para quem?": disputa ideológica e posições-sujeito sobre a escala

Uma análise mais densa precisa mostrar que há heterogeneidade no nosso corpus. Nem todos os entrevistados dizem o mesmo da mesma forma, e isso é essencial para AD, pois existem contradições, deslocamentos e modos de "negociação" do sentido.

O ET02, ao ser indagado quanto ao que acha do regime 6x1, se é viável e etc, faz um ataque direto ao discurso legitimador da escala: "Viável para quem?" (ET02, 2025).

Essa pergunta instaura um gesto discursivo de desestabilização, já que ela rompe com a evidência, que é justamente o alvo central da AD. Ao perguntar "para quem", o sujeito revela o conflito de classe uma vez que há beneficiários, há prejudicados.

Entretanto, em outros trechos do corpus, aparecem tentativas de relativização ou deslocamento do problema. O ET01 (2025) afirma que talvez o problema não seja a escala em si, mas "as horas por dia":

> Se bem que talvez o problema nem seja a escala 6 por 1, né? Mas sim a quantidade de horas que a gente trabalha ao longo do dia. Tem pessoas que trabalham numa jornada superior a nove, chegam às vezes até 10 horas, eh, por dia. Eu já trabalhei 10 horas por dia, já, eh, fazendo ali as duas horas extras, e é muita coisa. Talvez numa escala que você até trabalhasse ali 6 por 1, mas trabalhasse menos, ali, ao longo do dia, 6 horas no máximo, talvez, pode ser que isso já melhorasse muito. (ET01, 2025).

Esse deslocamento revela o quanto a própria crítica à escala pode ser reabsorvida pela formação ideológica da produtividade, já que o foco migra da estrutura de exploração para "organização do tempo".

Os marcadores "se bem que" e "talvez" funcionam como operadores discursivos de hesitação e revisão, produzindo um efeito de correção do próprio dizer. Trata-se de um gesto enunciativo em que o sujeito reconfigura o debate, retomando a escala 6x1 como algo que poderia ser aceitável sob determinadas condições. Essa modalidade, o "talvez", permite que o sujeito não se comprometa totalmente com uma afirmação categórica, e isso revela uma posição-sujeito que busca racionalizar a crítica e afastá-la de uma interpretação radical, mesmo ele anteriormente tendo concordado que a escala 6x1 é desumana.

Isso aponta o funcionamento de uma memória discursiva do trabalho que tende à negociação e à adaptação, e não à ruptura e o quanto o sujeito, ainda que consciente de sua desumanização, ainda é atravessado pelas formações discursivas dominantes. Ou seja, o entrevistado critica, mas critica em termos que podem ser assimiláveis ao próprio discurso do capital, que diz menos horas = mais eficiência = melhor produtividade.

Dando continuidade, quando ET01 diz: "Eu já trabalhei 10 horas por dia…", ele constrói um ethos de quem fala a partir da experiência concreta, não da teoria, nesse sentido, ele sente-se legitimado a falar como sujeito que viveu o excesso, portanto possui uma autoridade pela experiência, tendo uma visão realista e racional dos fatos, uma vez que não demoniza completamente a escala 6x1, mas propõe "melhorias". Trata-se, então, de um sujeito que deseja ser visto como racional e ponderado, e não como radical.

É possível notar essa mesma regularidade discursiva em outros recortes do corpus, reforçando que, para alguns entrevistados, a crítica não recai sobre a escala 6x1 em si, mas sobre a intensidade da carga horária e a forma de organização do tempo, notando um ethos que busca uma certa racionalidade.

Ao afirmar que, "flexibilizando os horários (…) a escala 6 por 1 trabalhando 24 horas semanais" seria "viável", dito pela ET05 (2025), jovem de 29 anos, moradora da cidade de São Paulo (SP) e vendedora em loja, ela reinscreve o problema no eixo da viabilidade e da gestão do tempo (assim como o ET01), deslocando o debate de uma crítica estrutural à escala para uma proposta de readequação quantitativa da jornada.

Dessa forma, evidencia-se a heterogeneidade do corpus e a presença de um discurso de racionalização e ajuste que convive, em tensão, com formulações que qualificam a escala 6x1 como "desumana".

Isso pode ser notado também, quando surge no corpus uma preocupação com o pequeno empreendedor, conforme pode ser visto no enunciado do ET07 (2025): "Se a gente mexe na escala 6x1, como que fica o microempreendedor?"

Essa formulação mostra como o sujeito pode ser interpelado por discursos do empreendedorismo, que atuam como forma de manutenção do status quo, com a ideia de que "não dá pra mudar porque vai prejudicar alguém". Na AD, isso não é contradição moral, é apenas a ideologia funcionando enquanto ideologia.

Categoria 04) Tensões entre a experiência vivida e o discurso midiático

Esta categoria evidencia um dos pontos politicamente decisivos do corpus, já que apresenta o confronto entre duas ordens discursivas que não se equivalem e não possuem o mesmo regime de legitimidade. De um lado, temos a ordem da experiência vivida, marcada por sofrimento, desgaste, expropriação e adoecimento, e do outro, a ordem do discurso midiático, atravessada por efeitos de neutralidade, enquadramentos, seleção de vozes autorizadas e por uma lógica de mercantilização da informação.

A partir da AD, o que se observa é que os jovens, ao falarem da mídia, não a tomam somente como canal transmissor, mas como instância de poder que organiza sentidos, define relevâncias e estabelece limites do dizível (Pêcheux, 2014). Nesse eixo, os entrevistados constroem diferentes posições-sujeito frente ao jornalismo que vão desde a acusação de venda/manipulação até a crença em imparcialidade, passando por posturas ambivalentes.

O ET02 (2025) inaugura o eixo com uma formulação extremamente produtiva:

> A imprensa, Ok, a grande mídia. Eh, a grande mídia, ela é vendida, pelo menos no Brasil, né? Não posso dizer por outros países. Eh, então, o quanto ela puder se manter neutra, entre aspas, né, para o público, mas sempre tentar defender a pauta de quem tá pagando, eh, ela vai. E é realmente o que tá acontecendo. Ela olha para as manifestações, eh, e fala: "Nossa, olha, um bando de pessoas reunidas, eh, para isso, para aquilo", mas sempre tentando menosprezar a causa, sempre dizendo que não adianta de nada, sempre, sabe? Só mostrando dados, fatos, sem dizer o porquê que aquilo está acontecendo, que seria o mais importante, né? [...] Bem, a mídia, ela diz que a escala 6x1 é ótima e que, na verdade, a gente deveria desistir de ser CLT para combinar com o nosso patrão, né? [...] Então, a mídia tem feito de tudo para manter as coisas como estão. (ET02, 2025).

Aqui, a expressão "neutra, entre aspas" revela que o jovem reconhece a neutralidade como efeito performativo, no caso, algo produzido para parecer imparcial. Nesse caso, a neutralidade, nesse recorte, é denunciada como aparência ideológica. O que

é alinhado à Charaudeau (2019), ao entender que o jornalismo constrói um "efeito de objetividade", mas esse efeito pertence ao contrato comunicacional e não implica ausência de posicionamento. Além disso, o ET02 atribui à mídia uma lógica de classe ao afirmar que ela defende a pauta "de quem tá pagando.".

Trata-se de um jovem que lê o jornalismo como parte do circuito de dominação. Nesse caso, pensando na lógica althusseriana, a mídia é percebida como aparelho ideológico justamente porque organiza a interpretação da realidade de modo a estabilizar a ordem vigente. Outro trecho do ET02 que reforça essa dimensão é quando ele enuncia o: "sempre tentando menosprezar a causa, sempre dizendo que não adianta de nada (…) só mostrando dados, fatos, sem dizer o porquê…", articulando aqui dois pontos fundamentais, com a mídia reduzindo o acontecimento a "evento" sem legitimidade, e a mídia "informando" mas não explicando as relações estruturais, isto é, uma apresentação do mundo social como sequência de acontecimentos, e não como estrutura desigual.

Sendo assim, ao omitir causas, a mídia sustenta o funcionamento ideológico que naturaliza a exploração.

Corroborando com essa visão, o ET01 (2025) reclama:

> Mas, enfim, de modo geral, talvez, eh, não, não percebo, não tenho percebido um tratamento, eh, que essa discussão realmente deveria receber. Né? Acho que a imprensa deveria se mobilizar mais para promover, né, essa discussão e, por conseguinte, a, a extinção dessa escala, né? Deveria estar mais ao lado do trabalhador. Eu não sei se está o suficiente, entende? Acredito que, que às vezes discute, apresenta de uma forma meio neutra, apesar de que, sim, né? A imprensa, o jornalismo, nananã, tem essa questão de ser da, da questão da neutralidade, da impessoalidade. Mas eu sinto que alguns veículos, alguns meios deveriam ser mais, eh, combativos. (ET01, 2025).

Nesse caso, o entrevistado produz uma posição-sujeito que concebe a mídia como instância que deveria cumprir uma função social de defesa do trabalhador, ou seja o jovem espera da mídia algo que ela não entrega.

Discursivamente, essa expectativa revela que o ET01 ainda reconhece na mídia um lugar de autoridade pública. Entretanto, ao mesmo tempo, ele percebe a insuficiência desse papel, apontando a necessidade de se ter uma mídia "combativa", associando a imprensa à disputa, e não a neutralidade, colocando o jornalismo como um espaço que poderia ser aliado no conflito social.

O ET06 (2025) problematiza o discurso midiático sob outro ângulo:

> Eu creio que ela mostra mais a questão da desvantagem. Por, por realmente, o jornal que eu vejo, ele é enviesado, é mais a esquerda. Então, eu creio que mostra muito a questão da desvantagem que essa escala tem, né? Por mais que eu, particularmente, também não vejo muitas vantagens na, na escala 6 por 1. De verdade, assim, zero, nenhuma vantagem. Eu creio que isso aí é só para sugar mesmo o trabalhador, eh, tomar mesmo o tempo dele para, em teoria, produzir, né? Produzir mais. Então, eu creio que é isso. A mídia peca muito nisso aí, em não mostrar as vantagens. Talvez se a gente visse isso, né, como os empresários pensam. Ah, a gente precisa dessa escala 6 por 1 porque, eh, fica melhor de produzir, enfim, talvez seja esse lado que a gente precise ver mais, né? Que é a questão do, das vantagens da escala 6 por 1. (ET06, 2025).

Essa fala é extremamente rica porque revela uma ambivalência discursiva. O ET06 se posiciona contra a escala 6x1, reconhece que ela "suga o trabalhador", mas ao

mesmo tempo cobra da mídia que mostre as vantagens “sob o ponto de vista empresarial”. Ela é atravessada pela voz da experiência quando diz: “não vejo nenhuma vantagem” e pela voz da ideologia neoliberal: “talvez devêssemos ver a lógica do empresário”.

As duas vozes convivem tensionadas, o que é muito característico das formações discursivas contemporâneas, uma vez que, ao pedir que se mostrem as vantagens patronais, o ET06 reproduz, sem perceber, o lugar ideológico do capital como parâmetro de legitimidade, (mesmo sendo ele próprio afetado negativamente pelo regime).

Sendo assim, o enunciado revela um sujeito que tenta ser “justo”, “ponderado”, criando um ethos de credibilidade, mesmo quando sua experiência aponta na direção oposta. Esse tipo de formulação mostra que o discurso midiático funciona, produzindo uma gramática de “equilíbrio” que faz o trabalhador sentir que precisa considerar o patrão para ser “realista”.

Por fim, a fala dos jovens revela que ao confrontarem o discurso midiático com sua experiência concreta, eles produzem resistência discursiva, recusando o apagamento do sofrimento. Mesmo quando alguns sujeitos aderem à retórica da “imparcialidade", emerge no corpus a percepção de que “informar sem intervir” também é tomar posição.

Categoria 05) Desejo de um outro futuro e a resistência contra a escala 6x1

Esta categoria reúne formulações que rompem com a evidência ideológica do “trabalho como destino” e com a naturalização da escala 6x1 como inevitável. Ao contrário do que se observa em discursos midiáticos e empresariais que produzem o regime como “necessário”, “produtivo” ou “viável”, os entrevistados formulam um horizonte de futuro no qual a organização do trabalho é recolocada como questão de justiça social, dignidade e tempo-vida.

A ET09 (2025), jovem de 27 anos, moradora de Santa Catarina, que já trabalhou no regime 6x1, mas que atualmente trabalha como professora da rede estadual, afirma que: “É, eu considero mais adequado o trabalho 4x3, né? Então, trabalhar quatro dias, descansar três dias. Dessa forma, acredito que seria mais fácil conciliar o trabalho com outras áreas da vida.”

Esse enunciado desloca a discussão de “quantidade de trabalho” para a questão da vida para além do trabalho. A entrevistada ao dizer,“conciliar” marca uma oposição importante, ao evidenciar que o regime 6x1 opera como incompatibilidade com outras áreas da vida, enquanto o 4x3 aparece como possibilidade de recomposição.

Em AD, isso pode ser descrito como ruptura com o pré-construído, aquela noção de que a vida deve se adaptar ao trabalho. Nesse caso, o trabalho precisa caber na vida. Essa inversão, embora simples, é política e social. É um dizer que mobiliza o sujeito que rejeita a evidência dominante e se posiciona fora da formação discursiva que naturaliza a 6×1.

Contribuindo com essas dimensões, o ET06 (2025) formula:

> Eu vejo como benefício principal o fim da escala 6/1 é o ser humano ter tempo de poder cuidar de si em todas áreas, física, mental e espiritual. Aqui se eu peço pra ir no dentista é o fim do mundo, se eu marcar um exame, se eu for doar sangue (por lei só tenho direito a um atestado por ano) e sou doador frequente então nem pra uma atitude altruísta o funcionário não tem essa possibilidade mediante a essa escala totalmente desumana. (ET06, 2025).

A tríade corpo/mente/espírito rompe com o imaginário produtivista. Amossy (2020) permite entender esse dizer como construção de um ethos do trabalhador humano,

não da “máquina produtiva". O trabalho não pode ser pensado apenas economicamente, pois impacta corpo, mente e dimensão simbólica da própria existência.

Essa discussão é ampliada pelo ET07 (2025) ao fazer seu testemunho:

> Eu vejo a escala 6x1 no Brasil como mais um obstáculo para eh frear a nossa voz. Porque a gente vive num país eh que não se preocupa com a nossa educação, com a nossa saúde, eh e com o nosso tempo, né? Porque eh é tudo jogado. Eles não buscam eh eles não têm foco na no crescimento no nosso crescimento pessoal. A pessoa que não tem essas coisas básicas, né, como saúde, educação e tempo, faz menos perguntas. É muito conveniente para os nossos, para os governantes, para os políticos, né, que a gente fique assim, escravo [...] A jornada ideal seria uma 5x2 para começar. (ET07, 2025).

Uma formulação brilhante, que se articula com a lógica althusseriana, entendendo que a exaustão do trabalhador contribui para a sua docilidade, uma vez que a reprodução da força de trabalho exige não apenas a reprodução das suas qualificações, mas, acima de tudo, a reprodução da sua submissão à ideologia dominante.

Discursivamente, o ET07 reposiciona a escala 6x1 como dispositivo de apagamento do sujeito enquanto cidadão, criticando de maneira estrutural, o patrão, o Estado e a classe política. E com esses apontamentos do ET07 fica em evidência que a manutenção da exaustão é conveniente para aqueles donos do capital.

Ao contribuir com essas colocações, quando perguntada sobre o que ela esperava que fosse debatido na mídia quanto à escala 6x1, a ET05 (2025) elucida que:

> Bom, eu gostaria que falasse mais sobre como, é, apenas uma folga na semana afeta a vida de quem trabalha, né? E falasse mais sobre o lado humano, porque a gente não é uma máquina, a gente precisa também do nosso tempo, é, de lazer, ou para fazer, como eu disse, um curso, especializar, para poder crescer de cargo, e todas essas coisas. (ET05. 2025).

Esse enunciado é provocante e questionador, pois desloca o foco na produtividade da lógica neoliberal, para o lado humano, uma categoria que costuma ser apagada nos discursos empresariais. Ao dizer “a gente não é uma máquina”, a ET05 produz uma nomeação contrária, já que em vez de assumir o lugar ideológico de trabalhador instrumental, ela reivindica o lugar de sujeito integral, com corpo, tempo, desejo e projeto.

Do ponto de vista de Amossy (2020), a ET05 constrói um ethos ético, um ethos que reivindica dignidade e humanidade diante de uma estrutura que tende a reduzir o trabalhador ao seu rendimento. Esse ethos de resistência se articula com uma argumentação pela experiência vivida, quando o sujeito usa o próprio corpo como prova da injustiça social, como já vimos acontecer em outros enunciados dos entrevistados.

Em síntese, os enunciados revelam a centralidade do tempo-vida como eixo de justiça social, uma vez que não se trata de “trabalhar menos”, mas de recuperar o direito ao cuidado, à família, ao lazer, à formação, à saúde e à espiritualidade. Ao mesmo tempo, observa-se que esses contradiscursos se constituem em tensão com os discursos hegemônicos de produtividade e viabilidade, o que leva muitos jovens a construírem um ethos de racionalidade e prudência para legitimar a mudança, mas que em nenhum momento, luta para que as mudanças não aconteçam, pois eles lutam e reivindicam.

Categoria 06) Culpabilização individual e o discurso do mérito

Esse eixo revela a face mais explícita da ideologia neoliberal, pois um dos aspectos mais marcantes nas entrevistas é a consciência de que, diante do desgaste físico e emocional, o discurso social responsabiliza o próprio jovem. O ET04 observa: "Porque eles dão um pensamento, eles dão a pensar que você está sendo um exemplo de trabalhar bastante, de produzir bastante, e que isso é bom, no modo geral. Só que não é bem a realidade, né?"

Esse enunciado marca o funcionamento de um discurso normativo que cria padrões de conduta, sendo o bom trabalhador aquele que produz muito. Assim, o "trabalhar bastante" não aparece como exploração, mas sim, como sinal de valor humano, ou seja, a consequência discursiva dessa lógica é direta, pois se trabalhar muito é sinal de sucesso, então aquele que não suporta a carga é visto como fraco, incapaz ou preguiçoso.

Aqui aparece a ideologia do sacrifício, que transforma exploração em virtude. Fiorin (2003) explica que esse tipo de discurso funciona por pressupostos e implícitos, ou seja, se trabalhar muito é bom, então reclamar é um fracasso individual.

A fala de ET09 aprofunda esse funcionamento ao explicitar o circuito meritocrático:

> Então, é, eles propagam para os jovens, né? Que se eles trabalharem muito, eles vão alcançar o sucesso e assim por diante, né? Vai aumentar a produtividade, que vai aumentar a oportunidade de emprego, que deve aumentar a economia do Brasil. Mas a economia do Brasil para quem? Aí que fica, né? Então, é, não é à toa que se tem dado muita ênfase a essa, é, auto produtividade, principalmente para os jovens. (ET09, 2025).

É uma forma de discurso que produz o trabalhador como agente do progresso, como sujeito responsável pelo crescimento. Trata-se de uma estrutura discursiva típica da racionalidade neoliberal, em que o sujeito é convocado a produzir mais não apenas por si, mas pelo "bem maior". Porém, há o questionamento sendo tensionado no discurso da ET09: "Mas a economia do Brasil é para quem?"

Esse questionamento é central, pois rompe com a evidência do "progresso" e recoloca a questão no campo da desigualdade e da distribuição. Discursivamente, o que ET09 faz é deslocar o debate sob o campo do esforço para a economia política do trabalho. Ela revela então que o discurso neoliberal é um discurso que promete que "a economia cresce", porém entra o questionamento: quem se beneficia desse crescimento?

A pergunta "para quem?" expõe que o discurso meritocrático é um mecanismo de legitimação do capital, já que faz o trabalhador acreditar que sua exploração produz benefício coletivo, quando na realidade sustenta a concentração de riqueza.

Isso mostra que a juventude é atravessada por uma nova sensibilidade política, na qual o que antes era normalizado, a ideia de "trabalhar até cair", passa a ser nomeado como injustiça, reivindicando direitos e compreendendo que a falta deles é perigosa, conforme pode ser visto também no enunciado do ET02 (2025):

> Bem, a mídia, ela diz que a escala 6x1 é ótima e que, na verdade, a gente deveria desistir de ser CLT para combinar com o nosso patrão, né? [...] Porém, eh, a gente sabe que se a gente desiste dos direitos e, eh, se a gente se submete à vontade do capitalista, no capitalismo quem manda é o capital, é quem tem o capital, é o capitalista. Então, a gente vai voltar a ser escravo, a gente vai voltar a não ter direitos nenhum, para ganhar o mínimo possível ou talvez nem ganhar, né? (ET02, 2025).

Esse recorte explicita como a mídia opera frequentemente como instância de circulação do discurso neoliberal, propondo "flexibilização" como solução. Assim, a ideia de "combinar com o patrão" produz um efeito de liberdade contratual, como se trabalhador e patrão estivessem no mesmo nível de poder, fabricando uma simetria falsa, em que o trabalhador aparece como sujeito livre, capaz de negociar, quando sabemos que posições de poder distintas tornam inegociáveis certas proposições, e o ET02 sabe muito bem disso quando em seguida diz: "no capitalismo quem manda é o capital (…) a gente vai voltar a ser escravo."

Esse posicionamento aponta que o entrevistado reconhece a relação de força que sustenta o contrato de trabalho, sendo que o trabalhador não negocia em igualdade: ele se submete.

Esta categoria evidencia que a escala 6x1 é sustentada não apenas por mecanismos econômicos, mas por um regime discursivo que moraliza o trabalho e individualiza o sofrimento.

O discurso meritocrático opera por pressupostos que transformam exploração em virtude, enquanto a culpabilização juvenil ("preguiça", "falta de esforço") funciona como dispositivo simbólico de disciplina e silenciamento. No corpus, porém, observa-se também a emergência de resistência discursiva, tendo em vista que os entrevistados identificam e enunciam o mecanismo ideológico, interrogando a quem serve o crescimento econômico e recusando o mito da negociação livre com o patrão. Assim, os jovens desestabilizam a evidência neoliberal e mudam o debate sobre jornada no campo da justiça social e da dignidade.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo compreender, pela perspectiva da Análise do Discurso, como a escala 6x1 e as transformações contemporâneas do mundo do trabalho são significadas na sociedade brasileira, buscando analisar o discurso dos jovens trabalhadores, de modo a observar como os sujeitos interpelados por condições precarizadas de trabalho produzem interpretações, resistências e tensões frente à realidade vivida.

A análise realizada com o corpus das entrevistas foi decisiva para confirmar o apagamento que a voz dos jovens enfrenta uma vez que os jovens trabalhadores produziram um discurso atravessado por cansaço, frustração, falta de perspectiva, redução da vida no trabalho e percepção clara de injustiça, mas que é ignorada socialmente.

Ao contrário do imaginário midiático dominante, os entrevistados não se mostraram "preguiçosos" ou "anti-trabalho", mas sujeitos que reivindicam o direito de existir além da sobrevivência, como aparece em diversas falas, pois há uma consciência crítica sobre os mecanismos ideológicos que transformam exploração em virtude. Um exemplo concreto disso é visto em um dos entrevistados que sintetiza esse funcionamento ao afirmar: "eles dão a pensar que você está sendo um exemplo de trabalhar bastante… e que isso é bom, no modo geral. Só que não é bem a realidade".

Indo adiante, há nos relatos, um forte sentimento de que o trabalho já não significa futuro. Com isso, o discurso juvenil aponta um paradoxo, pois trabalha-se muito, vive-se pouco e sonha-se menos ainda, afinal de contas, mal há tempo de dormir.

Sendo assim, ao invés da promessa de ascensão: "trabalhe duro e você vence", o que emerge é a percepção de que o esforço virou punição, pois a escala 6x1 não aparece

como “o começo de uma trajetória”, mas como labirinto sem saída, em que o corpo se desgasta antes do sonho virar realidade e os jovens são levados à exaustão sem limite.

Outro ponto relevante é que a análise das entrevistas revelou também que a juventude contemporânea opera como sujeito de ruptura. Ao dizer que não aceita mais “as coisas como elas são”, os jovens reativam uma memória histórica de contestação que se atualiza nas condições concretas do capitalismo precarizado e digital. Nessa dimensão, o movimento Vida Além do Trabalho (VAT), impulsionado pelas redes sociais, aparece como elemento relevante do trabalho, possibilitando dar nome e forma política ao sofrimento cotidiano, funcionando como catalisador discursivo de uma insatisfação coletiva que sempre existiu, mas que agora encontra meios de circulação e ampliação.

O que as entrevistas escancaram, portanto, é que o jovem trabalhador contemporâneo não se opõe ao trabalho, mas sim, ao sequestro da vida. O que está em jogo não é preguiça, é a recusa de adoecer como regra, de viver apenas para sustentar um sistema que entrega cada vez menos e cobra cada vez mais.

Assim, pode-se afirmar que, na disputa discursiva sobre o fim da escala 6x1, a mídia tradicional tende a operar pela estabilização de sentidos que protegem a ordem econômica vigente, enquanto os jovens entrevistados, como sujeitos atravessados pela precarização, tensionam esses sentidos, abrindo rachaduras no consenso ideológico e evidenciando o caráter político do debate.

Nesse sentido, o estudo demonstrou que o tema não se reduz a um cálculo de produtividade, mas mobiliza questões estruturais ligadas à exploração, aos direitos sociais, à saúde mental, ao futuro e ao próprio significado de ser jovem trabalhador no Brasil.

Levando isso em conta, a ideia que fica é que a escala 6x1 precisa ser defendida discursivamente porque ela é indefensável humanamente. E é justamente por isso que a mídia, o empresariado e certos discursos institucionais insistem em enquadrar a reivindicação como ameaça, descontrole ou utopia. Porém, o que as entrevistas mostram, em linha oposta, é que o desejo de mudança não é sonho ingênuo, mas sim, uma resposta a uma realidade que adoece, que causa o esgotamento, físico, mental e espiritual, é também, a resposta à precarização do futuro.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado.** Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

AMOSSY, Ruth. **Argumentação no Discurso**. São Paulo: Contexto, 2020.

ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão**. São Paulo: Boitempo, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick**. Discurso das mídias.** Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed. 4. reimpr. São Paulo: Contexto, 2019.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvi**o. Tradução de Eni Puccineli Orlandi et al. 5. ed. 2. reimpr. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

SILVA, Tarcísio Augusto Alves da (org.). **As juventudes e seus diferentes sujeitos.** Recife: UFRPE, 2017.